

res, porque geralmente os súditos de um regime que se mantém pela ausência da opinião não podem sentir a falta das liberdades que a imprensa procura reivindicar”.

Na Corte, que dava o tom ao país e, portanto, à política e à imprensa, a *conciliação* escondia os graves problemas que se aprofundavam na estagnação da aparente tranqüilidade reinante. O órgão que espelha esse quadro vulgar é bem o *Jornal do Comércio*, na sua antiguidade consagrada, por ausência de outros padrões. Alcindo Guanabara, muito depois, fixará essa função do velho jornal, mesclando a análise com o sentido apologético natural: “O decênio da minoridade adianta-se para nós ululante e temeroso. O *Jornal do Comércio* percorreu-o todo, mantendo uma serenidade que seria talvez singular em tão agitada época: haveis de encontrar, em suas páginas, todos os fatos, mas não perceberéis nelas nenhum eco do muito que se dizia e que se transformava, nessa luta memorável, sob a influência da qual vacilou o Império. Esse alheamento das paixões em convulsão, essa inalterável tranqüilidade, num meio tão agitado, valeram ao *Jornal do Comércio* a força e o prestígio com que, no princípio do segundo reinado, ele agia e reagia sobre a sociedade, prestígio que cresceu e acentuou-se de tal arte que a expressão quarto poder lhe era aplicável com absoluta justiça. Nesse trecho da vida é com verdade que se pode dizer que a história do *Jornal do Comércio* se confunde com a do reinado. Evocá-la é evocar a série de vultos que brilham na nossa política, nas nossas letras, nas nossas artes, todos os quais ou de lá saíram, ou lhe deveram a consagração do triunfo. Os grandes nomes acotovelam-se. Justiniano José da Rocha, o maior dos jornalistas brasileiros; o visconde de Jequitinhonha, o visconde de Araguaia, Porto Alegre, Rio Branco, Otaviano — que eu sei — todos os grandes nomes e todos os grandes espíritos fulguram nesses quarenta anos, emergem agora das coleções infinitas do *Jornal do Comércio* e desfilam diante de nossos olhos, nimbados daquela glória que os nossos sufrágios e os nossos aplausos lhes concedem e reconhecem. A ação do *Jornal do Comércio* afirma-se então intensa e eficaz, no terreno político, como no literário e artístico. Como sempre, o *Jornal do Comércio* não é partidário, mas pesa deliberadamente na concha das instituições. É conservador, nesse sentido; é moderado, em todos os sentidos. Como sempre, não encontrareis, em suas páginas, o eco dos clamores partidários; mas acompanhareis, com mais detalhes, recebendo, talvez, impressões mais nítidas, os fatos que nos constituem a vida. Essa foi a época brilhante de nossa vida política. O solo que tremia ainda em 1827, por efeito do fragor da Independência, estava consolidado. Bernardo Pereira de Vasconcelos constituíra solida-